

AS UNIDADES TERMINOLÓGICAS NO CONTEXTO DA TERMINOLOGIA DE ABORDAGEM COMUNICATIVA

Leda Cecília Szabo

Universidade Metodista de São Paulo
ledaszabo@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir o papel desempenhado pelas unidades terminológicas no âmbito do sistema linguístico, das linguagens de especialidade e da situação discursiva. Após algumas considerações sobre a natureza das linguagens de especialidade, comparando-as com a língua geral, é discutido o papel das unidades lexicais nas comunicações especializadas. Conclui-se que a superação da diretriz normativa da Terminologia em favor de uma abordagem comunicativa, aliada à compreensão do termo como uma unidade linguística e pragmática, amplia os horizontes da pesquisa em Terminologia Aplicada

PALAVRAS-CHAVE: Unidade terminológica, unidade lexical, linguagem de especialidade, Terminologia Aplicada.

ABSTRACT: The purpose of this essay is to discuss the role played by terminological units in the scope of linguistic system, specialized languages and discourse situation. After some considerations about the nature of specialized languages, compared to general language, the role played by lexical units in specialized communications is discussed. Conclusion highlights the fact that promotion of a communicative approach in replacement of prescriptive Terminology, together with the understanding of the terminological unit in its linguistic and pragmatic features, has important implications in expanding horizons in Applied Terminology research.

KEYWORDS: Terminological unit, lexicalunit, specialized language, Applied Terminology.

1 - Introdução

O universo lexical, através de suas unidades manifestadas em discurso, é instrumento importante da construção e reconstrução da visão de mundo. As lexias e seu dinamismo devem ser levados em conta para se compreenderem as condições de produtividade lexical e discursiva. É no léxico, segundo Pais (1993, p. 98), que o linguista e o semioticista encontram um espaço privilegiado para “examinar com maior precisão os processos de produção dos mundos lingüisticamente construídos”. Considerando-se que a forma do universo lexical constitui a substância dos universos de discursos lingüísticos, deve-se fazer o exame do léxico na produção discursiva, registrada em textos específicos do tipo de linguagem que se quer examinar. Referindo-se à estruturação do léxico numa obra literária, assim se manifesta Barbosa:

A forma do universo léxico será a substância de que lançará mão um escritor para criar uma obra literária. Nesta, os elementos do léxico estão estruturados numa rede parcial, em que se estabelecem relações semêmicas particulares, de que resulta uma rede semântica diversa daquela que o escritor possui em sua competência lingüística. Surge, assim um universo semiótico próprio à obra literária. (BARBOSA, 1974, p. 20-21)

Por outro lado, se o objetivo de uma pesquisa é examinar a estruturação lexical na linguagem de uma determinada área de especialidade, deve-se lançar mão dos discursos técnicos e científicos, atualizados em textos relativos a esse campo de atuação, onde, à semelhança do que ocorre na linguagem literária, os elementos lexicais mantêm relações específicas da área do conhecimento em questão.

2 - As linguagens de especialidade

A evolução acelerada da ciência e da tecnologia, marcada, principalmente no último século, pelo alto grau de especialização,

permitiu o desenvolvimento de formas de linguagem com características específicas, utilizadas para a comunicação entre pessoas envolvidas em determinadas áreas da atividade humana. São as chamadas *linguagens de especialidade*. Além disso, tal aceleração no desenvolvimento científico e tecnológico provocou o surgimento de um número espantoso de novos conceitos e suas consequentes designações, que se disseminam rapidamente pelos vários cantos do planeta, tendo em vista o intercâmbio internacional e o desenvolvimento da mídia em nossos dias.

Muito se discutiu sobre a natureza dessas linguagens. Há quem as considere sistemas parciais de um sistema linguístico maior, sistemas semióticos complexos relacionados com a língua geral, mas que possuem um comportamento semiautônomo, subconjuntos lexicais ou subconjuntos pragmáticos da língua geral.

Para Cabré (1993, p. 128), as *linguagens de especialidade* seriam as modalidades da língua geral, caracterizadas por três variáveis: a temática, os usuários e as situações de comunicação. A temática relaciona-se com as áreas de atividade e do conhecimento, objeto de um aprendizado também especializado (CABRÉ, 1993, 2002). Os usuários, na condição de produtores, são os especialistas, detentores do conhecimento especializado; na condição de receptores, podem ser os especialistas, os aprendizes ou o público em geral (CABRÉ, 2002). Quanto às situações de comunicação, predominam as que utilizam a linguagem em sua função referencial.

Aubert (1996), por sua vez, assim caracteriza as linguagens de especialidade:

Entende-se por linguagens de especialidade o conjunto de marcas lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas que tipificam o uso de um código linguístico qualquer em ambiente de interação social, centrado em uma determinada atividade humana. (AUBERT, 1996, p. 27)

Apesar da idéia de unidade, sugerida pela utilização do termo *conjunto*, na definição acima, as linguagens de especialidade não constituem um bloco homogêneo. Cabré (1993, p. 139) reconhece que

há graus diversos de variação, relacionados à temática, ao tipo de usuários e às circunstâncias comunicativas, concretizados em discursos mais ou menos especializados e em diferentes tipos de textos, como artigos científicos, matérias de divulgação científica, textos de caráter didático-informativo etc. A autora estabelece distinções entre o discurso alta ou medianamente especializado, produzido para especialistas, o discurso didático, endereçado aos aprendizes de uma matéria, e o discurso de divulgação científica, visando ao grande público.

A despeito de tais variações, as linguagens de especialidade possuem aspectos linguísticos e pragmáticos comuns que, segundo Cabré (1993, p. 240; 1999, p. 170), permitem considerá-las como um subconjunto da linguagem geral, caracterizado por certa unidade.

Portanto, uma linguagem de especialidade possui uma série de características cognitivas, linguísticas, textuais e discursivas, não podendo ser estudada apenas do ponto de vista da descrição linguística, mas deve ser considerada também em suas dimensões cognitivas e sociais. Se o autor do discurso técnico e científico, como qualquer usuário da língua, constrói, através da linguagem, representações mentais da realidade, é no seu discurso que tomam forma as suas representações cognitivas de seu domínio de especialidade. Ora, o discurso não é desvinculado do aspecto social. A natureza social do discurso evidencia-se pela presença do outro, parceiro da comunicação, com quem o locutor divide o espaço discursivo, objetivando persuadi-lo e constituir-se como autoridade, através da prática linguística, sujeita às normas aceitas pelos usuários da linguagem de especialidade.

Ao enunciar, o locutor instaura um diálogo com o discurso do receptor na medida em que o concebe não como um mero decodificador, mas como um elemento ativo, atribuindo-lhe, emprestando-lhe a imagem de um contradiscurso. (BRANDÃO, 1991, p. 53)

Assim, complementando a definição de Aubert (1996:27), pode-se dizer, com Cabré (1993), que uma linguagem de especialidade constitui

um conjunto de possibilidades determinadas pelos elementos que intervêm em cada ato de comunicação: os interlocutores (os emissores e destinatários, com todo o conjunto de características que lhes são próprias), as circunstâncias comunicativas e os propósitos ou intenções a que se propõe o ato de comunicação (CABRÉ, 1993, p. 129, tradução nossa).

3 - Língua geral e linguagens de especialidade

Talvez, para explicar melhor a relação entre a língua geral e as linguagens de especialidade, possamos recorrer aos conceitos de *norma* e *sistema*, preconizados por Coseriu (1969). Para ele, o indivíduo expressa-se linguisticamente segundo os padrões normais e tradicionais em sua comunidade, ou seja, segundo modelos ou formas ideais, denominadas *normas*. As normas são instituídas a partir do falar concreto, por meio de abstrações sucessivas, onde se eliminam os elementos ocasionais, momentâneos, retendo-se o que é constante. Portanto a norma compõe-se da repetição dos modelos anteriores, que se impõem aos membros de determinada comunidade.

Como sistema de realizações, imposto social e culturalmente, coloca-se diante do indivíduo como condição para sua aceitação em determinada comunidade, quer seja familiar, científica, profissional ou religiosa, traçando limites à sua liberdade expressiva.

Já num pano de abstração mais elevado, situa-se o *sistema*, constituído, a partir das normas, através da eliminação das variantes normativas e da conservação do que é constante do ponto de vista funcional. Segundo o autor, conjunto de liberdades, que indicam as possibilidades funcionais do instrumento linguístico.

Utilizando o modelo teórico de Coseriu, podemos, então, relacionar as *linguagens de especialidade* à *norma* e a *língua geral* ao *sistema*. Tal associação permite-nos compreender por que as

linguagens de especialidade apresentam, ao mesmo tempo, traços comuns – lexicais, sintáticos, estilísticos e discursivos – bem como graus de variação, ligados à temática, ao tipo de usuários e às circunstâncias comunicativas. Permite-nos, também, rejeitar a concepção de *linguagens de especialidade* como códigos linguísticos diferenciados da língua geral, porque a diferenciação está no nível de atualização e não em sua natureza linguística.

É nesse sentido que Cabré (1999) opta pela adoção dos termos *comunicação geral* e *comunicações especializadas*, em substituição a *língua geral* e *linguagens de especialidade*. Uma vez que a codificação gramatical é a mesma, tanto numa quanto noutra, não se trata, segundo a autora, de diferentes tipos de *linguagem*, mas de formas diferentes de *comunicação*. São, pois, as necessidades comunicativas que caracterizam a preferência por certas organizações discursivas, sintáticas e lexicais, tendo em vista o tema, os usuários, as circunstâncias do evento.

4 - As unidades lexicais e as unidades terminológicas

Para entendermos o papel das unidades lexicais na língua geral e nas “linguagens de especialidade”, recorreremos, mais uma vez, às noções de *sistema, norma e fala*, de Coseriu (1969). Se, conforme dito acima, o exame do léxico deve fazer-se na produção discursiva, registrada nos textos específicos do tipo de linguagem que se quer examinar, o pesquisador deve ter claro em que nível de atualização da língua irá trabalhar.

O universo lexical é constituído do conjunto de lexias efetivas e de lexias virtuais, isto é, tanto daquelas já atualizadas em discurso como das que ainda sequer foram criadas, porém disponíveis para a criação, segundo as estruturas morfossintáticas e semânticas permitidas pelo sistema linguístico. Esse caráter aberto do universo lexical impede sua quantificação, a não ser por estimativa. Às unidades lexicais desse “sistema aberto” chamaremos lexemas, de acordo com o modelo proposto por Muller (1968, p. 136). Entendido dessa forma, o *lexema* relaciona-se ao *sistema*.

Por outro lado, quando atualizadas em discurso, as unidades lexicais prestam-se à quantificação. A uma lexia concretizada nos discursos de determinada norma chamamos, ainda segundo o modelo de Charles Muller, de *vocábulo*. Devido às suas realizações anteriores, constitui-se um modelo lexical disponível para futuras atualizações. Relaciona-se, pois, não apenas ao sistema, mas também a uma ou mais *normas*, quer sejam sociais, profissionais, geográficas, ou mesmo a uma norma individual. O conjunto dos vocábulos de determinada norma, atualizados em discurso, forma seu *conjunto vocabular*, ou *conjunto vocabulário*, que é possível quantificar, uma vez que se tem acesso a esse conjunto através dos vários discursos, podendo-se, inclusive, submetê-lo a análises estatísticas .

Ao considerarmos, pois, as unidades léxicas de um tipo específico de norma – o das “linguagens de especialidade”, atualizadas nos discursos especializados, estamos diante de um tipo específico de vocábulo, o *termo*, objeto de estudo da Terminologia.

A unidade terminológica, considerada “em seu aspecto polidrico”, a saber, unidade linguística, cognitiva e sociocultural, deve ser descrita tanto em relação ao sistema da língua, como em relação ao âmbito de especialidade, pois se tratam de unidades lexicais da língua geral, cujas especificidades significativas são ativadas nas situações de comunicação especializada.

5. Considerações sobre os rumos da pesquisa terminológica

As últimas duas décadas têm assistido a uma revisão dos princípios da Terminologia. Tal revisão se dá à luz da superação da diretriz normativa em favor de uma visão dos aspectos comunicativos e sociointeracionais da Terminologia, assim como a compreensão do termo como uma unidade linguística e pragmática.

A concepção da *língua geral* e das “*linguagens de especialidade*” (*comunicações especializadas* – CABRÉ, 1999) como dife-

rentes níveis de atualização linguística, e não como códigos diferenciados, aquela relacionada ao *sistema* e estas, às *normas*, as quais ligam-se a universos de discursos distintos, em âmbitos diatópico, diacrônico, diastrático ou diafásico (COSERIU, 1969; p. 68; BARBOSA, 1989, p. 573), alia-se à concepção de uma Terminologia que aceita as variações, descartando a univocidade do termo, exceto nas situações em que a comunicação especializada é submetida a um rigoroso controle de designações e conceitos, visando a manter *artificialmente* a monosemia dos termos.

A concepção da linguagem como uma das manifestações do sistema semiótico, que permite aos membros de uma comunidade analisar, organizar e integrar os dados de sua experiência num universo coerente (PAIS, 1993, p. 83) permite entender a rede de relações que as unidades terminológicas estabelecem entre si, revêlendo aspectos da construção e evolução do conhecimento especializado.

A descrição e a caracterização das unidades terminológicas de uma área do conhecimento, feita através da *análise contextual e discursiva* evidencia as opções de expressão utilizadas em diferentes situações comunicativas, contrariando o ideal da monosemia e objetividade nos textos e comunicações especializadas.

6 - Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo discutir o status da unidade lexical na língua geral e nas chamadas “línguagens de especialidade”. Vimos que tais “línguagens especializadas” são, na verdade tipos de comunicação especializada, com variações que obedecem às necessidades comunicativas, portanto concordamos com Andrade (2010) quando diz que “não se pode rotular um vocábulo como “termo” ou “lexema”, dado que todas as unidades lexicais provêm do inventário geral do léxico da língua. Dessa forma, entendemos as unidades terminológicas como unidades do universo lexical, cujas especificidades significativas são ativadas nas situações de comunicação especializada. A unidade lexical *não é* um termo ou um vocábulo,

mas *exerce a função* de *vocábulo* ou *termo* em função do universo discursivo em que se insere (BARBOSA, 1998).

As chamadas “linguagens de especialidade” apresentam diferentes graus de “cientificidade”. No discurso com “elevado grau de cientificidade”, o ideal da monossemia das unidades terminológicas responde à caracterização da objetividade e neutralidade de tal discurso. Vale lembrar, entretanto que tanto a monossemia das unidades terminológicas quanto a neutralidade e objetividade do discurso científico são efeitos de sentido, alcançados por intermédio de manobras artificiais, que não têm relação com as características específicas das unidades terminológicas.

“A variedade dos tipos de linguagem corresponde às finalidades específicas das diversas situações de comunicação”. (ANDRADE, 2010). A comunicação especializada pode ocorrer, como vimos, em nível de maior ou menor especialização. Nas comunicações de caráter mais banalizado, as pessoas leigas são admitidas ao conhecimento específico de uma área de saber. As unidades lexicais atualizadas nos textos que atualizam esse tipo de comunicação exercem o importante papel de facilitar a comunicação entre o especialista e o público leigo.

No eixo do *continuum* científicidade-banalização, podemos detectar termos/vocábulos que se situam na interface entre o discurso científico e o discurso banal, como, por exemplo, o termo/vocábulo câncer. Esse tipo de termos garante a comunicação entre especialistas de uma área, entre leigos, entre os primeiros e os segundos. Por conseguinte, entre o mais alto grau de científicidade e o mais alto grau de banalização, existe sempre um subconjunto que tem dupla natureza, a de termo e a de vocábulo. (BARBOSA, 2009)

A superação do reducionismo da Terminologia de caráter prescritivo, a compreensão do termo como uma unidade linguística e pragmática, bem como o crescente interesse pelos processos de banalização e popularização do conhecimento especializado ampliam

os horizontes da pesquisa em Terminologia Aplicada. Evidencia-se a necessidade da concretização da pesquisa terminológica na produção de obras terminográficas que colaborem no processo de facilitação da circulação do conhecimento científico e auxiliem professores, alunos e público leigo no acesso a esse conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida. *A unidade lexical no discurso etnoliterário. Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 2, t. 1. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/408-418.pdf. Acesso em 16 jan. 2011.
- AUBERT, Francis Henrik. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingue. Cadernos de Terminologia no. 2*. São Paulo: Humanitas, 1996.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Para um modelo teórico da combinatória sêmio-táxica*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1974.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo: Plêiade; SBPL, v. 7, p. 25-44, 1998.)
- BARBOSA, Maria Aparecida. Terminologia aplicada. Percursos interdisciplinares. *Revista Polifonia* nº 17, 2009. Disponível em <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/303.pdf>. Acesso em 15 jan. 2011.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones*. Madrid: Gredos, 1993.
- CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA, 1999.
- CABRÉ, Maria Teresa. El discurs especialitzat o la variació funcional determinada por la temàtica: noves perspectives. In: CABRÉ, Maria Teresa et al. *Bases cognitivas de la terminologia: hacia una visión comunicativa del concepto*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada Universitat Pompeu Fabra, 2002.

COSERIU, Eugenio. *Teoria del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1969.

MULLER, Charles. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systemique, lexicale et discursive*, Tese (Thèse de Doctorat d'État en Lettres et Sciences Humaines) – Université de Paris-Sorbonne (Paris IV), Paris, 1993.